

Mídias negras, cultura negra, tecnologias e inovações

Denysberg Carvalho Alves de Resende
Francisco de Assis Beserra Wanderley Junior

Este trabalho pretende, a partir do uso do relato de experiência dos autores, levantar a reflexão acerca do processo de construção de uma agência de comunicação, com NEGRA – Comunicação e Mídias Negras, dentro do Centro de Convivência Negra - CCN da Universidade de Brasília – UnB durante os anos de 2017 e 2018. A partir da demanda percebida pelos estudantes negros que frequentam e participam do CCN, foi constatado um déficit de estrutura comunicacional principalmente dentro da universidade, visto as heterogêneas formas de organização política e cultural da comunidade negra universitária da UnB e sua quantidade notável de estudantes negros, tornando-se uma ferramenta imprescindível no constante combate ao racismo acadêmico.

Enquanto canal de articulação foi priorizado o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) voltado para a elaboração de materiais midiáticos educativos antirracistas, estruturados e disponibilizados sobretudo dentro de um portal virtual do CCN criado para facilitar o acesso a conteúdos e informa-

ções sobre temas de interesse da população afro-brasileira, africana e afrodescendente em geral. Portanto, a comNEGRA surgiu da necessidade de articulação e construção de uma rede de comunicação e promoção do conhecimento e de saberes afro-brasileiros dentro da UnB.

Representação e Mídia Negra

Além da grande mídia, outro movimento de produção de conteúdo comunicativo está na construção de representação articulada e consciente de comunicadores sociais negros. A partir da auto-organização coletiva de diversas formas de expressão e meios de comunicação, com maior intensidade no uso de plataformas virtuais e Tecnologias da Informação, se estruturam como formadores de opinião pública, buscando principalmente desmistificar os aspectos, principalmente negativos da cultura negra, no que se pode definir em linhas gerais como Mídias Negras.

A proposta de meios de comunicação que se propõem enquanto Mídias Negras, vai ao encontro de uma política de comunicação étnico-racial, que se utiliza justamente do poder educativo e atuante que a mídia possui, para assim servir de estratégia à superação das desigualdades ainda tão evidentes em nosso país. O próprio resgate histórico da imprensa negra brasileira, que desde do início do século 19 já pautava de forma diversa e incisiva a questão do racismo, nos propõe a pensar uma Mídia Negra que vai além de noticiários factuais e que participa ativamente da construção das representações sociais positivas do povo negro.

As Políticas de Ações Afirmativas iniciadas na UnB em 2004, ao se apresentarem promissoras enquanto políticas públicas de inclusão e sob pressão dos movimentos negros e indígenas de todo o Brasil, influenciou em 2012 a criação da Lei 12.711/12, que determina a criação de cotas raciais e sociais de vagas em universidades públicas federais em todo o território nacional. Tal política de Estado, incorpora uma série de aquisições sociais e jurídicas que a população negra sistematicamente conquistou com maior evidência após a promulgação da Constituição de 1988, como a Abertura jurídica para titulação de terras de comunidades tradicionais negras, o Estatuto da Igualdade Racial, a lei 11.645/2003 (antiga 10.639) que também propõe a inclusão do ensino da

história africana e afro-brasileira nas escolas e a diminuição da desigualdade socioeconômica entre brancos e negros.

Porém, mesmo com inegáveis transformações no cenário de inserção social da população negra brasileira, ainda é evidente a desigual oportunidade que grupos de cor/raça negra (pretos e pardos) e cor/raça branca possuem de exercer suas cidadanias. O alto índice de mortalidade da juventude negra, as dificuldades institucionais enfrentadas pelas comunidades quilombolas para regularizar suas terras, o ataque violento contra a população negra LGBT e a baixa repercussão e influência do ensino da história africana e afro-brasileira nos currículos escolares são alguns dos diversos percalços que, em diferentes contextos, enfrentam os afrodescendentes do Brasil.

Outra grande barreira que pessoas negras enfrentam são os preconceitos ainda presentes em seus cotidianos, que associados a construções de imagens estereotipadas inventadas pela grande mídia e a processos de estigmatização, fazem com que a representação do negro seja sempre atrelada à violência, pobreza, marginalidade, ignorância, sexualidade entre outras características negativas da cultura negra. Nesse sentido, mesmo numa universidade comprometida com as diversas formas de desigualdade sociais, encontra-se diferentes dispositivos institucionais que não se propõe abranger a diversidade de narrativas científicas, presentes no espaço universitário sobretudo após a implementação das políticas de ações afirmativas.

Por que uma agência de produção de mídias negras na UnB?

A Universidade de Brasília é reconhecida por ser a primeira universidade pública federal a implantar Políticas de Ações Afirmativas para inserção de estudantes negros e indígenas no quadro estudantil universitário. Desde 2004, ano marcado pelo início do sistema de cotas e pela reserva de vagas na modalidade étnico-racial, a UnB vem transformando o desafio de construir conhecimentos e técnicas nas mais variadas áreas acadêmicas, sem perder a responsabilidade social que o espaço universitário tem com a sociedade brasileira.

O primeiro grande desafio (inclusive pauta de movimentos negros, indígenas, estudantes, professores e técnico-administrativos na universidade desde 1999,

quando por meio do Plano de Metas para a Integração Social, Étnica e Racial foi apresentada a primeira proposta de aplicação de políticas afirmativas para grupos étnicos socialmente vulneráveis) foi aumentar o quantitativo de estudantes afrodescendentes e indígenas nas salas de aulas da universidade, visto os baixíssimos índices de presença desses dois grupos étnicos na UnB e em todas as universidades federais do país. As cotas raciais buscavam diversificar a composição étnica do espaço universitário, como também promover a inclusão de grupos historicamente marginalizados.

Conforme o relatório apresentado pela UnB em 2013, avaliando os resultados da ação afirmativa entre 2/2004 a 1/2012, o cenário de distribuição por cor já expõe índices muito diferentes do período anterior aos anos 2000, apontando um total de 41% dos estudantes negros (2013, p.35) e aproximando-se do ideal, que seriam números próximos ao quantitativo demográfico do Distrito Federal, o qual, no período, correspondia a 56%. Além disso, ao analisar o aproveitamento acadêmico, o relatório concluiu que “o rendimento dos estudantes formados, em todas as áreas do conhecimento, não varia muito entre cotistas e aqueles que ingressaram pelo sistema universal” (2013, p.36) e que se não houvesse ocorrido tal implementação, um número considerável de estudantes não teria tido a oportunidade de estudar na UnB concorrendo apenas nos moldes de seleção anterior às Ações Afirmativas.

Se buscarmos o último Anuário Estatístico da UnB (2011-2015), divulgado em 2016 (Tabela 2.12 e 2.13), é possível ter acesso ao quantitativo exato de estudantes regulares registrados nos cursos de graduação por Unidade Acadêmica e raça/cor no 2º Semestre de 2015. Para fins analíticos, podemos organizar a distribuição dos estudantes dividindo-os em dois grupos: brancos e negros (pardos e pretos). Utilizando esse critério de classificação, não é difícil perceber que, enquanto para alunos de cor/raça branca o percentual foi de 42%, para alunos de cor/raça preta foi de 10% e parda 31%, ou seja, pensando estes enquanto população afrodescendente, o percentual somado chega aos 41%, ilustrando um cenário estudantil com diferentes segmentos sociais e diversidade étnica.

Os resultados apresentados, sem dúvida, colocam a Universidade de Brasília em um lugar de protagonismo frente às políticas de inclusão. Fruto de articulação incessante dos diversos movimentos negros e indígenas que lutaram e lutam para inserir na universidade brasileira a discussão da histórica e latente exclusão da população afrodescendente e indígena, reivindicando ações institucionais da UnB, no caso, enquanto entidade de ensino, pesquisa e extensão comprometida com a responsabilidade social.

Dentre as várias conquistas da comunidade negra universitária da UnB está o Centro de Convivência Negra (CCN). Criado em 2006, o CCN é um espaço institucional que se propõe a ser multidisciplinar em suas variadas atividades e dinâmicas de atuações, sob as demandas e os impactos da presença da população negra e grupos afins no âmbito universitário.

As atividades acadêmicas são modeladas pensando-se em relações raciais, culturas negras, assuntos vários da vida das populações negras e temáticas associadas, que fazem do Centro de Convivência Negra um espaço privilegiado para congregação dos diversos coletivos, grupos de pesquisa, estudantes e professores que propõem e executam atividades de promoção da igualdade e de reconhecimento e enfrentamento do racismo, da discriminação racial e das intolerâncias correlatas na universidade, e os contextos associados.

Como apresentado, as Ações Afirmativas adotadas em 2004, colocaram a UnB em uma posição privilegiada de promotora da inclusão social e da diversidade. A partir de articulação de estudantes, professores e movimentos negros muito já foi conquistado: Cotas Raciais e Sociais, criação do Centro de Convivência Negra, Aumento da estrutura da Assistência Estudantil, Criação da Diretoria da Diversidade (DIV) entre outras. Porém, é necessário ter consciência da dimensão social que estrutura essas demandas e entendimento do processo de reparação histórica que a população afro-brasileira reivindica.

Outro importante motivo para se pensar a comunidade negra universitária, enquanto Plano Político Pedagógico de uma universidade que quer se pensar plural, dialógica e internacional, é o alinhamento político institucional do Governo Federal com a 68ª Assembleia Geral das Organizações das Nações Unidas, ocor-

rida em 19 de dezembro de 2013, na qual foi proclamada a Década Internacional de Povos Afrodescendentes, com início em 1º de janeiro de 2015 e fim em 31 de dezembro de 2024. O comprometimento que todos os países acordaram na declaração tinha como tema “reconhecimento, justiça e desenvolvimento”, demonstrando a variedade de condições que africanos e afrodescendentes estão situados pelo planeta. Não muito diferente, promover o acesso a informação pode contribuir para o fortalecimento das comunidades negras, para seu “desenvolvimento”, como também apresenta a oportunidade do “reconhecimento” de todos (negros e não negros), do significado e importância da história e culturas negras.

Considerando a quantidade notável de estudantes negros na universidade, é imprescindível o constante combate ao racismo no espaço acadêmico, que deve sempre oportunizar a diversidade na comunicação institucional, incentivando a difusão de informações que possam promover a cidadania de toda a comunidade universitária. O aprimoramento nos processos de ensino depende da abertura de novos olhares para a mesma questão, ou seja, dar espaço para grupos historicamente marginalizados do espaço produtor de informações é também inovar na produção de conhecimento.

O Centro de Convivência Negra da UnB sempre esteve engajado no estímulo à construção de atividades de ensino, pesquisa e extensão que fortalecem a prática de esportes, arte e cultura, a fim de munir a comunidade negra acadêmica de conhecimentos e ferramentas para fortalecer a permanência de estudantes negros, ingressos ou não pelo Sistema de Cotas, na UnB e no universo acadêmico científico de forma geral.

A comNEGRA surgiu da necessidade de articulação e construção de uma rede de comunicação e promoção do conhecimento e de saberes afro-brasileiros dentro da Universidade de Brasília. Além de um espaço com a estrutura necessária para uma agência de comunicação, este projeto se propõem disseminar com mais intensidade os conteúdos disponíveis, os quais a partir de uma plataforma digital que, estruturada como um portal educativo, pretende-se facilitar o acesso de qualquer pessoa a conteúdos e informações sobre cultura e população afro-brasileira, africana e afrodescendente.

Metodologia

Este projeto foi organizado em três módulos de execução: o primeiro consistiu na criação e estruturação da *comNEGRA* dentro do espaço físico do CCN; o segundo módulo de trabalho foi direcionado à restauração do endereço eletrônico do CCN e a elaboração de um portal educativo e informativo acerca da questão negra; o terceiro se estruturou na promoção de oficinas, minicursos e seminários com a temática Mídia Negra.

Descrição de cada módulo

1. Criação e estruturação da *comNEGRA*: A criação da Agência de Comunicação Negra do Centro de Convivência Negra foi estruturada para ser um espaço de produção e difusão de conhecimentos referentes a questão negra a partir da aplicação de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), os quais buscam promover maior eficiência na gerência e otimização da atuação de Tecnologias Sociais em diferentes meios da *comNEGRA* que a informação midiática hoje se apresenta. O espaço físico foi alocado na sede do CCN-UnB e conta com um ambiente próprio para a elaboração dos conteúdos. A *comNEGRA* possui materiais de consumo próprio, tais como: equipamentos de informática para escritório (computadores, impressora) e equipamentos básicos para um serviço de comunicação (câmera fotográfica, tripé, etc.).

2. Site CCN: Reelaboração do site do CCN buscando construir uma plataforma educativa on-line, a qual ambiciona ser o principal veículo de comunicação da *comNEGRA*, sendo um espaço virtual de difusão de informações e conteúdos educativos.

3. Cursos de formação em Mídias Negras: Para incentivar a produção e circulação de Mídias Negras na universidade, promover-se-ão seminários e oficinas que busquem estimular e favorecer a formação de comunicadores sociais negros, e incentivar a participação na *comNEGRA* CCN. Serão desenvolvidas 5 (cinco) atividades que buscam abarcar os principais aspectos de atuação que um produtor de mídia independente articula, como escrita jornalística, fotografia, uso de redes sociais e de tecnologias das informações, parcerias políticas-institucionais com outros canais de comunicação, além de história da cultura afro-brasileira e africana.

Resultados e Discussões

Com esse projeto, buscamos intensificar a diversidade da comunicação produzida na universidade, fortalecendo o Centro de Convivência Negra da Universidade de Brasília – UnB, de modo que continue a executar atividades de promoção da igualdade e de reconhecimento e enfrentamento do racismo, da discriminação racial e de intolerâncias correlatas, buscando criar uma consciência, para os oprimidos e os discriminados, contra os agressores.

Atualmente, diversos estudantes negros da graduação e pós-graduação estão vinculados ao CCN por meio de projetos de monitoria, pesquisa e extensão que abarque a dimensão da população negra no Brasil e, neste sentido, a *comNEGRA* funciona seguindo o mesmo modelo. A partir desses projetos, nós norteamos através do programa AfroAtitude, para a construção de um ambiente educativo e formativo, que possa promover o protagonismo dos estudantes negros envolvidos.

A extensão e a pesquisa, a partir da interação mútua dos diferentes segmentos da comunidade negra universitária, mostra-se favorável neste espaço, que se propõem transpassar as barreiras dos tradicionais métodos de aprendizagem limitado as salas de aula, e se envolve em uma rede de relações estudantis que valorizam as trocas de experiências e vivências enquanto acadêmicos negros e negras, que ajudam a reforçar laços de solidariedade e consequente modos de agir coletivo e colaborativo frente a uma ação objetiva.

Almejamos promover a discussão ideológica para ascensão e fortalecimento o ambiente para a produção de conhecimento e de empoderamento de pessoas negras, já que não só o material produzido será um vetor de conteúdos voltados para a conscientização racial e de uma educação antirracista, mas os próprios produtores do conteúdo (estudantes, técnico-administrativos e professores negros vinculados ao CCN) estarão em contato com a possibilidade de aprenderem e elaborarem esses materiais de conscientização, constituindo-se também em um processo de autoempoderamento, visto que estarão aprendendo a gerenciar suas vozes e opiniões acerca de aspectos da cultura negra.

O portal ccn.unb.br estava desatualizado desde o ano de 2012. Segue uma comparação entre a versão desatualizada e a versão atual.

Antes



Figura 1a – Home Page do site do Centro de Convivência Negra.
Fonte: Print Screen do site ccn.unb.br do Centro de Convivência Negra - UnB

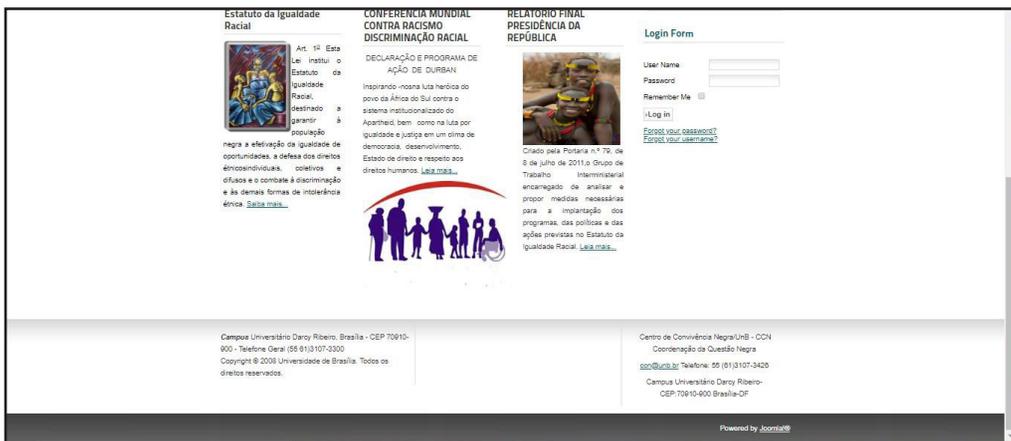


Figura 1b – Home Page do site do Centro de Convivência Negra.
Fonte: Print Screen do site ccn.unb.br do Centro de Convivência Negra - UnB

Depois



Figura 2a – Nova Home Page do site do Centro de Convivência Negra.
Fonte: Arte 1 do Centro de Convivência Negra - UnB



Figura 2b – Nova Home Page do site do Centro de Convivência Negra.
Fonte: Arte 2 do Centro de Convivência Negra – UnB

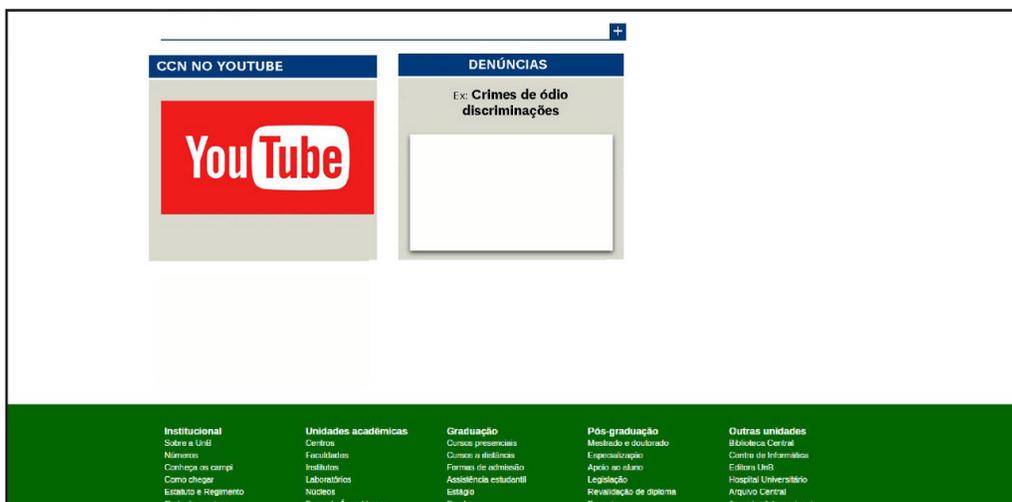


Figura 1c – Nova Home Page do site do Centro de Convivência Negra.

Fonte: Arte 3 do Centro de Convivência Negra - UnB

Referências

CARVALHO, J. J.; SEGATO, R. L. **Plano de metas para a integração social, étnica e racial da Universidade de Brasília**. 2002. 2 Análise do sistema de cotas para negros da Universidade de Brasília. Universidade de Brasília, 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/sala206/article/view/13798/9777>> Acesso em: 3 de nov. 2017.

DE CAMPOS HAGEMEYER, Regina Cely. **Formação docente, valores éticos e cultura das mídias digitais: referenciais das práticas de professores para a escola contemporânea**. Revista Diálogo Educacional, v. 14, n. 42, p. 415-434, 2014. <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogo-educacional/article/view/6638/6536>> Acesso em: 10 de nov. 2017.

FRANCKLIN, Eugene Oliveira et al. **Aceitação Afro: as mídias sociais digitais na revalorização e afirmação da identidade negra**. 2017.

DA SILVA, Luizete Vicente; NUNES, Márcia Vidal. **Mídias negras: um espaço de produção do ativismo da juventude negra Kalunga através do uso das novas tecnologias**. Revista Internacional de Folkcomunicação, v. 15, n. 35, p. 63-86, 2018. <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/4055/1/eugeneoliveirafrancklin.pdf>> Acesso em: 10 de ago. 2018.

RANGEL, Edson. **Afrofuturismo e questões políticas do negro na ficção científica**. Revista de Audiovisual Sala 206, n. 5, 2016. <<http://www.periodicos.ufes.br/sala206/article/view/13798/9777>> Acesso em: 25 de ago. 2018.

Sobre os Autores

Denysberg Carvalho Alves de Resende - Licenciatura da Computação, com ênfase em Ciência da Computação pela Universidade de Brasília. Trabalho como Auxiliar Técnico em Teste de Softwares, sou Empreendedor Social, e desde o ano de 2008 atuo como Instrutor de Cursos Livres com foco em Informática e novas tecnologias. Profissional Multidisciplinar Técnico EAD. Com habilidade em Moodle. Área de Interesse: Interação Humano-Computação; Educação e Tecnologia e Projetos Sociais que envolvam Inovação Tecnológica. Na Universidade de Brasília participo do programa AfroAtitude, do projeto de extensão Educação Digital e dos projetos de pesquisa A3M ComNegra e Poiese e Dissenso.

Francisco de Assis Beserra Wanderley Junior - Estudo Ciências Sociais na Universidade de Brasília, com habilitação em Antropologia. Tenho inquietações que beiram os seguintes campos: Estudos Afro Brasileiros, Memória, Escravidão e pós-emancipação, Comunidades Negras Rurais e Urbanas - Quilombolas, Comunidades Negras Universitárias, Etnografia(s), Antropologia(s), Sociedade, Natureza, Antropologia(s) Latino-Americana, Performance, Ritual, Corpo, Mito, Dramas Sociais e Experiências.